Dia 25 — São Luís, Rei de França

Luís IX deste nome, um dos maiores reis que ocuparam o trono da França e um dos maiores santos que venera a santa Igreja, nasceu em Poissy no dia 25 de abril do ano de 1215. Como o Senhor o havia escolhido para formar um rei segundo seu coração, preveniu-o com aqueles singulares dons que formam também o coração dos santos. Nenhum príncipe nasceu ao mundo com mais nobre inclinação à virtude, com mais rico fundo de doçura e de bondade, com prendas mais heroicas nem mais reais. Quis encarregar-se de sua educação sua própria mãe, a rainha dona Branca, princesa mais recomendável por sua eminente piedade que por seus elevados talentos e por seu espírito verdadeiramente superior. Aplicou-se a formar aquele terno coração de maneira que antes aprendesse a obedecer e a servir a Deus que a mandar nos homens. Pouco teve que fazer a escola num gênio tão feliz. Antecipou-se ele mesmo às lições que lhe davam, e logo se reconheceu que não havia nada a fazer senão deixar que produzissem por si mesmas as sementes da virtude que Deus havia semeado naquela grande alma.

Aos oito anos de idade perdeu Luís o rei Filipe Augusto, seu avô, e três anos depois seu pai Luís VIII, que lhe deixou a coroa sob a tutela de sua mãe, quando Luís contava somente onze anos. Quis a rainha-mãe prevenir as perturbações de uma longa menoridade (porque naquele tempo até os vinte e cinco anos não se declaravam maiores os reis de França) e dispôs que seu filho fosse sagrado em Reims, dissipando com sua prudência em pouco tempo os sediciosos intentos dos condes de Champanha, de Bolonha, de Bretanha, de La Marche, de Dreux, de Flandres, de Tolosa e de Provença, ligados contra o governo, de maneira que com sua conduta e seu valor assegurou a autoridade do rei seu filho e conservou a calma no Estado durante o tempo de sua acertada regência. O maior cuidado da virtuosa princesa naquela doce tranquilidade foi a santa educação do menino rei. Não poupou meio algum para que desde aquela terna idade colhesse todos os frutos da virtude e do estudo. Encontrava no filho toda a docilidade, toda a doçura, toda a agudeza de entendimento e toda a disposição de coração que era necessária para que fossem eficazes suas lições. Repetia-lhe continuamente que, não obstante a ternura com que o amava, preferiria vê-lo perder a vida que a graça; lição que se lhe imprimiu tão profundamente na alma, e por toda a vida lhe infundiu tão grande horror ao pecado, que, perguntando um dia a seu confidente Joinville qual preferiria, estar coberto de lepra ou cometer um pecado mortal, e respondendo Joinville com sua natural franqueza que antes cometeria cem pecados mortais que padecer a lepra, indignado o jovem rei, disse-lhe com alteração: «Bem se vê, Joinville, que não sabes o que é estar em desgraça de Deus; fica sabendo que um só pecado mortal se deve temer mais que todos os males deste miserável mundo.»

O singular gosto que tomava a todas as máximas do Evangelho movia-o a praticar seus conselhos. Começou a mortificar seus sentidos, a macerar seu corpo e a domar suas paixões quase desde o

berço. Gostava muito da caça, da pesca, da falcoaria e do jogo de xadrez; isto bastou para proibir-se a si mesmo todas aquelas inocentes diversões desde a idade de quinze anos. Desde então ocuparam o lugar desses lícitos desafogos a oração e os exercícios espirituais. Sua modéstia no templo e sua devoção reformaram toda a corte. Sentiram-se movidos até os mais dissolutos, e tudo se rendia a seus exemplos.

Enquanto desempenhava com tanta perfeição as obrigações de cristão, não descuidava de cumprir todas as funções de um grande rei. Não se viu príncipe mais antecipadamente formado nas reais virtudes do trono; tão político no gabinete como destro e valoroso na campanha, brilhava igualmente em um e outro teatro. Sabia muito bem a língua latina, prenda muito rara naquele tempo, singularmente entre os príncipes; as horas que não ocupava no despacho dedicava-as aos exercícios da religião, à leitura dos santos padres, sem que a natural brandura que inspirava a devoção debilitasse em seu ânimo os espíritos do valor. Ressuscitou a liga dos príncipes descontentes com a regência; pôs-se Luís à frente de suas tropas, embora contasse somente catorze anos de idade, e de pronto se desfez a sediciosa confederação. Contra o parecer de seus generais pôs cerco a Bellême, praça então inconquistável, no mais rigoroso do inverno, e a tomou: primeiro ensaio de suas façanhas, que dominou os descontentes, obrigando-os a pedir a paz, e restituiu ao reino a calma.

Voltou o rei a Paris, onde deu novas mostras de sua piedade. Fundou a célebre abadia de Royaumont; pôs a primeira pedra na igreja de Santa Catarina do Val; erigiu o mosteiro dos cartuxos, dando-lhes o palácio de Vauvert; edificou vários conventos e hospitais; e, tendo logrado restituir o conde de Tolosa ao grêmio da Igreja romana, teve a consolação de pôr fim à guerra dos albigenses, que seu pai Luís VIII havia começado.

Apaziguadas as guerras civis e abatidos os inimigos estranhos, entrou em Paris tão estimado dos oficiais e dos soldados como aplaudido e amado de todo o povo; vendo todos com o maior assombro um rei tão poderoso numa corte tão brilhante e, na idade de dezoito a vinte anos, com tal delicadeza de consciência, com tal pureza de costumes, com tanta prudência e com tanta devoção que causaria admiração no mais estreito claustro. Não se apresentava ocasião de fazer justiça, de aliviar o vassalo e de exercitar alguma obra de caridade que não a abraçasse com o maior gosto. Sempre foram os pobres seus principais favorecidos, e desde sua menor idade sustentava no palácio grande número deles, servindo-os ele mesmo à mesa. Sua paixão dominante foi o zelo da religião; assinava-se muitas vezes Luís de Poissy, em memória de haver recebido ali a primeira graça do batismo. No ano de 1234 casou-se com Margarida, filha primogênita de Raimundo Berengário, conde de Provença, princesa cabal, cujas inclinações eram muito conformes às do santo rei; e logo se dedicou a regular sua casa e a casa da rainha, de maneira que ambas as casas foram modelo às demais famílias particulares de virtude, de bom governo e do mais cristão método. Logo que o rei chegou à idade de maior, fez ainda mais aberta profissão da santidade a que Deus o chamava. Desterrou de seu palácio toda profanidade; desfez-se de todos os móveis preciosos e de todos os seus magníficos vestidos; proibiu-se até as mais inocentes diversões; aumentou suas penitências e macerou seu corpo com disciplinas e cilícios; regulou as horas de suas devoções. Rezava todos os dias o ofício divino, andava as estações, visitava os pobres nos hospitais; e, como o amor à Santíssima Virgem era, por assim dizer, sua paixão, nenhum dia deixava passar sem dar algumas provas de seu zelo por sua honra e por seu culto.

Mas suas devoções nunca diminuíam sua aplicação aos negócios do Estado. Jamais se havia visto o reino em maior glória. Tendo-se coligado com Henrique III, rei da Inglaterra, Hugo de Lusignan, conde de La Marche, príncipe inquieto e sedicioso, tomou as armas contra seu legítimo soberano; e, orgulhoso com os poderosos socorros que lhe havia conduzido o próprio inglês em pessoa, nada menos se prometia que a conquista de todo o reino. Juntou Luís algumas tropas, pôs-se à frente delas, marchou contra o inimigo, desfez o conde, passou o rio Charente, atacou Henrique, orgulhoso de seu numeroso exército, desbaratou-o com só seu valor, levou o terror e a desordem até o próprio quartel do rei, que, com o medo de ser feito prisioneiro, correu sem comer dois dias e duas noites até pôr-se a salvo dentro da praça de Blaye. Vieram o conde e a condessa lançar-se aos pés do rei; perdoou-os e, embora lhe tivesse sido fácil apoderar-se de tudo o que possuíam os ingleses deste lado do mar, contentou-se o santo rei com haver expulsado o inimigo; concedeu-lhe a paz e restabeleceu a tranquilidade no reino.

Afligiu a fome as províncias da Normandia, da Guiana e de Poitou; e, não contente São Luís com livrá-las dos impostos ordinários, enviou-lhes grande quantidade de grãos, fazendo copiosas esmolas a todos os pobres. Correu a voz no Oriente de que Luís, o maior inimigo que tiveram jamais os maometanos, havia tomado a cruz; e um régulo da Fenícia, chamado por seus vassalos o Velho da Montanha, ou o rei dos assassinos, acostumado a ser neste ponto cegamente obedecido por eles, enviou dois assassinos a Paris para que tirassem a vida ao santo rei; soube-o com tempo, foram presos os assassinos, e os enviou livres, carregando-os de presentes. Assim se vingou o santo rei dos que vieram dar-lhe a morte.

Estendida por todo o mundo a reputação de um rei verdadeiramente cristão, tão célebre por sua sabedoria como por seu valor e por sua eminente santidade, os príncipes mais distantes solicitaram sua amizade e sua proteção. Veio à Europa no ano de 1239 Balduíno II, da casa de Courtenay, imperador de Constantinopla, a implorar o socorro dos príncipes latinos, e pareceu-lhe que ganharia com um só ato o coração de São Luís trazendo-lhe a sagrada coroa de espinhos de nosso Salvador. Não se enganou; e o rei o socorreu com tropas e dinheiro. Saiu a sagrada coroa do poder dos venezianos, em quem os gregos a tinham empenhada, e foi conduzida à França. O rei, seguido de toda a corte e de todo o clero, saiu a recebê-la até cinco léguas de Sens e a acompanhou até Paris com tais afetos de devoção e de piedade que se tornaram muito visíveis em todo o seu exterior. Ele mesmo levou a sagrada relíquia com os pés descalços e descoberta a cabeça, desde a igreja de Santo Antônio dos Campos até a de Nossa Senhora. Depositou-se depois na capela de São Nicolau, que estava contígua ao palácio; e, tendo-se recebido, com o tempo, um pedaço do *lignum crucis*, derrubou a capela de São Nicolau e fabricou a Santa Capela, onde colocou as sagradas relíquias, engastadas em ouro e pedras preciosas, fundando um cabido de cônegos. Todos os anos, no dia de Sexta-feira Santa, passava a ela revestido de seus ornamentos reais, com coroa na cabeça, e ele mesmo expunha o sagrado lenho à adoração do povo. Depois, com a cabeça descoberta, os pés descalços, sem cinto e sem espada, prostrava-se profundamente, fazia uma breve oração, ia andando de joelhos, parava, voltava a orar um breve espaço e, aproximando-se por fim da santa cruz, desfeito em lágrimas, orava pela terceira vez e, prostrado, beijava-a ternamente com tanta humildade e com tanta compunção que arrancava devotas lágrimas aos olhos de todo o concurso.

Gozava toda a França de uma ditosa calma, acompanhada de quantas prosperidades se podiam desejar no reinado mais santo e com o rei mais celebrado no universo, terror de seus inimigos, admiração dos estranhos e delícias de seu povo, quando acometeu o santo monarca uma febre maligna que no breve espaço de cinco dias o reduziu à maior extremidade e pôs todo o reino na mais dolorosa consternação. Conheceu-se naquela ocasião quanto o amavam seus vassalos. Não se viam nem se ouviam em toda a França senão lágrimas, orações, procissões gerais, rogativas públicas com o Sacramento patente, jejuns e penitências. Ouviu Deus os fervorosos clamores do reino: recobrou-se o rei, mas fez antes voto de passar pessoalmente à Palestina, levando consigo um poderoso exército para expulsar dela todos os turcos. Em vão pretendeu opor-se a este religioso intento toda a família real, todos os grandes do reino e todos os prelados. Manteve-se o rei imóvel em sua resolução, tomou a cruz e, tendo-se avistado em Cluny com o papa Inocêncio IV, que o nomeou generalíssimo de todo o exército cristão, e tendo declarado sua mãe, a rainha dona Branca, regente do reino, tomou o caminho de Aigues-Mortes, no Languedoc, para esperar ali os cruzados, e no fim de maio do ano de 1248 partiu daquele porto com uma formidável armada composta de mil e oitocentas velas. Foi muito feliz a navegação; e, tendo-se detido alguns meses na ilha de Chipre, onde tinha seus armazéns, fez-se à vela e desembarcou no Egito. Quinze ou vinte mil sarracenos que tentaram disputar-lhe o desembarque foram derrotados, e o exército francês apoderou-se de Damieta, que era a praça mais forte e como a chave de todo o Egito. Acudia o rei a todas as partes, fazendo em todas prodígios de valor, mas dando igualmente em todas não menos prodigiosos exemplos de virtude. Observando em Damieta a mesma regra que em Paris, empregava nos exercícios de caridade e de devoção todo o tempo que não dedicava aos cuidados da guerra. Tinha muito no coração a conversão dos sarracenos, e o Senhor lhe deu a consolação de ver todos os dias acudir ao campo grande número de infiéis a pedir o santo batismo.

A felicidade daquele primeiro sucesso deu ocasião à desordem e à dissolução do oficial e do soldado. Parecia que, quanto mais se empenhava o santo rei em merecer a proteção do céu com suas orações, com suas penitências e com suas esmolas, mais empenho fazia o exército em desmerecê-la por seus pecados e por suas dissoluções. E assim logo experimentou os efeitos da cólera de um Deus tão justamente irritado. Pôs-se diante da cidade de Mansurá, e a falta de víveres, as enfermidades e o fogo artificial dos inimigos em poucos dias o puseram em tão miserável estado que todo o exército se reduziu a um montão de cadáveres e de enfermos. Introduziu-se em todo ele a disenteria e o escorbuto, sem perdoar ao próprio santo monarca. Foi conduzido com grande trabalho a uma pequena cidade chamada Charmasac, onde o meteram numa espécie de cabana, mas não tardou muito em ser investida por uma espessa nuvem de sarracenos; e, querendo o santo rei poupar o sangue dos seus, mandou-lhes que se rendessem. Levaram-no a Mansurá, onde o sultão fez conduzir em triunfo a auriflama e os demais estandartes franceses. Achava-se a rainha em Damieta e, com a dor que lhe causou a notícia de haver sido feito prisioneiro o rei, deu à luz antes do tempo um filho, a quem, pela tristeza deste desgraçado sucesso, se deu o nome de João Tristão, e foi o terceiro dos varões que teve.

Nunca se mostrou o rei nem mais grande nem mais santo que naquela abatida adversidade. Perdida até a própria liberdade, soube ser prisioneiro como rei e como rei cristianíssimo. Naquela grande mudança de estado, em nada mudou seu gênero de vida. Não interrompeu seus jejuns nem as demais ordinárias penitências. Tão tranquilo na prisão como na corte, prosseguiu rezando todos os dias o ofício divino às horas regulares e teve por singular graça de Deus que, tendo-o despojado

os sarracenos de tantas alfaias preciosas, somente lhe tivessem deixado as horas e o breviário. Dono sempre de si mesmo, milagroso em sua paciência e firme sem arrogância, rejeitou com invencível firmeza tudo o que julgou ser contra sua consciência e contra sua honra; e foi todo o seu consolo um heroico rendimento às disposições da divina Providência. Assombrados até os próprios sarracenos daquela grandeza de alma e enfeitiçados por suas extraordinárias prendas, diziam publicamente que, se quisesse ser seu rei, não reconheceriam outro. Ajustou-se seu resgate e o de todo o exército, com a entrega de Damieta, em oitocentos mil besantes de ouro e numa trégua de dez anos.

Desembarcou o rei em Acre, na Palestina, onde quis manter-se quatro anos para pôr em melhor forma e fortificar as principais cidades da Terra Santa. Era sua maior paixão poder derramar seu sangue em defesa da fé. Durante sua permanência na Palestina fez prodígios de valor e em muitíssimas ocasiões deu tais provas de sua virtude que até então não se tinham visto semelhantes em nenhum outro monarca. Precisado a voltar à França pela notícia que teve da morte da rainha governadora, partiu da Palestina no dia 24 de abril do ano de 1255, depois de haver reedificado e fortificado Jafa, Cesareia, Sidônia e Acre. Os extraordinários regozijos que se fizeram em toda a França à chegada do santo rei foram boas provas do sincero e universal amor que lhe professavam os povos. Dedicou-se inteiramente a fazê-los ditosos e felizes, reformando abusos, suprimindo contribuições e publicando santas, justas e proveitosíssimas leis. Nunca resplandeceram mais sua fé, sua religião, sua sólida e real virtude. Bastaram seus exemplos para reformar a corte e todos os demais estados. Desterrou de seus domínios a blasfêmia pelo severo castigo dos blasfemos. Restituiu o devido respeito e reverência aos templos, castigando rigorosamente os que os profanavam. Ao passo que era muito indulgente com os que ofendiam sua pessoa, era exatíssimo em fazer observar a lei de Deus; e dizia-se comumente que não era possível ter nem melhor servo de Deus nem melhor senhor dos homens.

Todos os dias ouvia muitas missas. O respeito e a devoção com que assistia a elas compungiam os assistentes. As copiosas lágrimas que derramava à elevação da hóstia eram efeito de seu abrasado amor a Jesus Cristo e de sua fé. Depois que voltou à França, aumentou as penitências. Além dos jejuns da Igreja, que observava com rigor, jejuava todo o Advento, todas as sextas-feiras do ano e o dia antes de todas as festas da Santíssima Virgem, a pão e água. No Advento e na Quaresma não comia nem fruta nem peixe, mas só pão e legumes. Nunca se despojou depois do cilício, nem o religioso mais austero era mais engenhoso que ele em mortificar-se. Seus tesouros só se franqueavam aos pobres; todos os sábados concorriam ao palácio mais de duzentos; lavava-lhes os pés, beijava-os e dava-lhes uma esmola. Mantinha sempre dentro do palácio cento e vinte, e nunca comia o rei sem ter à mesa algum deles. Era dito comum que o rei não tinha outros favorecidos senão os pobres e os religiosos de São Domingos e de São Francisco. Houve poucas províncias em seu reino, nem mesmo cidades em seus Estados, onde não fundasse enfermarias, hospitais, mosteiros, capelas e igrejas colegiadas. Em Paris fundou o hospital dos Trezentos, onde se mantinham trezentos pobres cegos, em memória dos trezentos cavaleiros de sua comitiva a quem os infiéis arrancaram os olhos na jornada do Oriente. Tinha uma exata lista de todos os mais nobres de cada província que padeciam necessidade, de todas as viúvas e donzelas de distinção que não tinham dote para tomar estado; e o menos que fazia era socorrê-las para que vivessem com decência. Não alcançava seu poder aonde chegava sua caridade; não houve príncipe que com mais justa razão merecesse o glorioso título de pai de seu povo, e em particular o de pai dos

pobres. Chamavam-no o Salomão da cristandade pela prudência, pela sabedoria que mostrava na administração da justiça; sendo tão grande sua penetração, sua retidão e sua equidade que chegou a ser o árbitro de todas as diferenças. Mais de uma vez o escolheram para terminar as suas os reis, os povos e até os próprios papas. Gregório IX, o imperador Frederico II, Henrique III, rei da Inglaterra, e os barões ingleses não quiseram admitir outro árbitro que este anjo de paz.

Chegaram a seus compassivos ouvidos as notícias do lastimoso estado em que se achavam os cristãos do Levante, e renovou-se em seu piedoso coração o zelo e a dor de ver em poder dos infiéis os santos lugares de Jerusalém. Resolveu tomar segunda vez a cruz e fazer todos os seus esforços para arrancar-lhes das mãos a posse da Terra Santa. Não foram bastantes para dissuadi-lo deste intento nem as lágrimas da rainha sua esposa, nem os rogos dos príncipes seus filhos, nem as representações e clamores de toda a corte. Persuadiu-se de que Deus lhe pedia este sacrifício, e nada bastou para estorvar-lhe aquela expedição. Tomou a cruz da mão do cardeal de Santa Cecília, legado da Santa Sé, e a fez tomar a seus três filhos, Filipe, que era o primogênito, João Tristão, conde de Nevers, e Pedro, conde de Alençon, como a quase todos os grandes senhores do reino. Fez depois seu testamento; nomeou por regentes do reino o abade de São Dinis e o senhor de Nesle; dispôs-se com muitos exercícios de devoção e embarcou no dia primeiro de julho do ano de 1270. Vendo-se obrigado a ancorar no porto de Cagliari, voltou a fazer-se à vela e endireitou a proa a Túnis, cujo rei havia dado mostras de querer converter-se. Fez-se o desembarque sem oposição, porque os sarracenos que guardavam o porto se retiraram apressadamente ao aproximar-se a esquadra francesa. Perdeu-se a esperança da conversão do rei de Túnis logo que se soube que havia mandado pôr em cadeias todos os cristãos. Mas os excessivos calores do clima, a falta de boa água e a corrupção dos víveres causaram no exército uma enfermidade tão contagiosa que todo o campo se encheu de cadáveres. Morreram dos primeiros o conde de Nevers, filho do rei, e o cardeal legado. Sentiu-se o próprio rei tocado do contágio. As prontas ordens que deu para salvar o resto das tropas deram bem a entender que não tinha já pressentimentos, mas notícia certa de sua morte. Nenhum dia deixou de rezar o ofício divino e todas as demais devoções com maior fervor. Conhecendo que lhe iam faltando as forças, mandou chamar seu filho Filipe, que havia de ser seu sucessor, e deu-lhe esta admirável instrução, que já tinha escrita:

«Meu muito caro filho: o primeiro conselho que te dou é que ames a Deus com todo o teu coração e com todas as tuas forças, porque sem ele nada podemos. Hás de estar disposto a deixar-te fazer em pedaços antes que ofendê-lo mortalmente. Se te enviar alguma enfermidade ou qualquer outro trabalho, deves dar-lhe muitas graças, persuadindo-te de que mereces muito maiores castigos por tê-lo servido mal e por tê-lo ofendido. Quando receberes de sua mão algum favor, rende-lhas também com humildade e guarda-te muito de ensoberbecer-te com ele; seria grande mal abusar de seus benefícios para ofendê-lo. Aconselho-te que te confesses a miúdo e que escolhas confessores de vida exemplar, para que te instruam em tuas obrigações. A esses e a teus amigos hás de tratar de maneira que estejam persuadidos de que com toda a liberdade e sem o menor receio te possam advertir de teus defeitos. Vejam teus vassalos que de boa vontade assistes na igreja aos divinos ofícios. Está sempre nela com modéstia e com atenção, especialmente enquanto se celebra o santo sacrifício da missa; nunca se te escape no templo palavra alguma desnecessária, e seja nele teu respeito um testemunho visível de tua fé. Encarrego-te que professes grande devoção à Santíssima Virgem e que tenhas um coração terno e liberal com os pobres. Quando padeceres alguma inquietação ou te afligir algum cuidado, se for comunicável,

descarrega-o no seio de teu confessor ou no peito de alguma outra pessoa discreta e capaz de dar-te algum alívio em tua pena. Algumas vezes hás de ter o gosto de travar práticas e conversações de coisas santas com pessoas virtuosas. Nunca sofras que em tua presença se tratem coisas livres, escandalosas nem de murmuração; e toda palavra injuriosa a Deus e aos santos castiga-a severamente. Se Deus te fizer a graça de que chegues à coroa, mostra-te por tuas boas obras digno da sagrada unção, que faz dos reis de França os ungidos do Senhor; e aplica-te sobretudo ao exercício daquelas virtudes que são próprias desta elevada dignidade. Reconheça-se em ti uma inteireza e uma equidade a toda prova. Declara-te sempre antes em favor do pobre que do rico, e dá inteira liberdade a teus ministros para que falem contra teus interesses quando se trata de fazer justiça. Restitui sem dilação o que não for teu ou o que puderem ter usurpado teus predecessores; considera que nisso se atravessa a quietude de tua consciência e o descanso de suas almas. Impede as violências que se intentarem fazer aos eclesiásticos. Ama os religiosos, faze-lhes bem e segue a máxima do rei Filipe, meu avô, de que algumas vezes vale mais dissimular os excessos dos eclesiásticos que causar escândalo reprimindo-os com demasiada violência. Ama e respeita a rainha tua mãe, e ouve seus conselhos. Estima teus irmãos, zela seus interesses, mas nunca à custa da justiça. Vale-te de bons conselhos para a distribuição dos benefícios; o mais acertado é não dar mais aos que já têm alguns; sempre te sobrarão vassalos beneméritos que nenhum tenham recebido, e nestes se devem distribuir os que vagarem. Evita, quanto te for possível, fazer guerra aos príncipes ou senhores cristãos. Antes de empenhar-te nela, prova todos os meios de paz; e o motivo que deves ter presente para isso há de ser evitar os inumeráveis males e pecados que traz consigo a guerra; mas, se te achares precisado a fazê-la, seja de modo que não padeçam pelo culpado uma infinidade de inocentes. Sitia as praças do que te nega a justiça ou te faz agravo; mas perdoa a seus vassalos quanto te seja possível. Emprega toda a tua autoridade em impedir a guerra entre teus próprios vassalos; não podes fazer coisa mais agradável aos olhos de Deus. Procura sempre ter bons magistrados para que façam justiça; em todos hás de aborrecer o mal, mas muito particularmente naqueles em quem depositaste tua autoridade e abusam dela.

«Professa sempre grande respeito à Igreja romana e ao papa, a quem deves venerar como a teu pai espiritual. Estorva em teus Estados todos os males que puderes estorvar; sobretudo os juramentos, as blasfêmias, os jogos de azar, a embriaguez e a impureza. Desterra deles os hereges e os desalmados. Tens obrigação de restituir a Deus, com teu zelo e com teu reconhecimento, todos os bens que recebeste de sua liberalidade, honrando-te em todas as ocasiões de ser servo de Deus e pai de teu povo. Não faças gastos supérfluos nem carregues o vassalo com injustos impostos; olha que te encomendo muito estes dois pontos. Se eu morrer antes que tu, procura que se digam por mim muitas missas e muitas orações em todas as comunidades da França, e dá-me parte em todas as boas obras que fizeres.

«Eu te dou minha bênção, meu muito caro filho, e tal qual a pode dar um pai a seu filho a quem ama ternamente, e rogo a nosso Senhor Jesus Cristo que te conserve e te proteja com sua graça, concedendo-te a de que jamais faças coisa contra sua vontade, para que sempre o honres e o sirvas. A mesma graça lhe peço para mim, a fim de que ambos juntos possamos louvá-lo, vê-lo e honrá-lo por toda a eternidade. Amém.»

Estas instruções escreveu-as o santo rei pouco antes de sair de Paris, e nelas fez um fiel retrato e nos deixou um pontual compêndio de toda a sua conduta. Havia comungado muitas vezes durante sua enfermidade; mas, crescendo cada dia a febre, recebeu os últimos sacramentos com tais demonstrações de devoção que nenhum dos circunstantes pôde conter as lágrimas. Depois não quis que lhe falassem de outra coisa senão de Deus. Nunca mostrou semblante mais alegre nem mais sereno do que quando se ia aproximando da morte. Mandou que o estendessem em camisa e coberto de cilício sobre um leito de cinza e, tendo um crucifixo encostado aos lábios, expirou tranquilamente no dia 25 de agosto do ano de 1270, sendo de cinquenta e cinco anos e quatro meses de idade e no quadragésimo quarto de seu reinado. Assim morreu, com a morte dos justos, um dos maiores reis e dos maiores santos que se viram sobre o trono; grande por seu valor, que o fazia intrépido nos combates; muito maior por sua cristã magnanimidade, pela qual se fez admirar até em suas adversidades; sendo ela só a que pode formar os verdadeiros heróis, dignos da pública veneração até o fim dos séculos. Os ossos do santo rei, depois de descarnados, colocaram-se juntamente com seu coração numa caixa muito rica. A carne pediu-a seu irmão Carlos de Anjou, rei da Sicília, e, trasladada a Palermo, mandou enterrá-la na abadia de Monreale. O rei Filipe, depois de ajustada uma trégua com o rei de Túnis por espaço de dez anos, voltou à França, trazendo consigo a preciosa caixa em que estavam os ossos e o coração de seu santo pai. Não se podem explicar as demonstrações de veneração e ternura com que foi recebido na França este tesouro. Depositou-se logo na igreja de Nossa Senhora de Paris, e no dia seguinte, que foi 21 de maio de 1271, foi trasladado à de São Dinis com um acompanhamento que mais parecia triunfo que pompa fúnebre. O próprio rei Filipe, acompanhado de todos os príncipes da casa real, dos grandes do reino e de grande número de prelados, quis levar o corpo do santo sobre seus reais ombros. A multidão de milagres que obrou Deus numa e noutra sepultura do santo rei moveu três anos depois o papa Gregório X a mandar que se recebessem jurídicas informações, as quais se acharam muito mais amplas do que era necessário; mas, pela curta duração dos nove pontificados seguintes, suspendeu-se por dezessete anos sua canonização, que terminou finalmente Bonifácio VIII no ano de 1297 com incrível solenidade e magnificência.

Martirológio Romano

Em Paris, São Luís, confessor, rei de França, ilustre pela santidade de sua vida e pela glória de seus milagres.

Em Roma, São Eusébio, São Ponciano, São Vicente e São Peregrino, mártires, os quais, sob o imperador Cômodo, foram primeiro estendidos no potro, atormentados com maniotas e por fim espancados; e, como sempre perseverassem em louvar Jesus Cristo, foram golpeados com chumbadas até que expiraram.

Também em Roma, São Genésio, mártir, que foi de ofício comediante quando ainda pagão. Como um dia zombasse, em presença do imperador Diocleciano, dos mistérios dos cristãos, converteu-se subitamente por inspiração divina e foi batizado. Tendo sido logo cruelíssimamente espancado por ordem do imperador, depois posto no ecúleo, dilacerado durante muito tempo com unhas de ferro e queimado com tochas acesas, como se mantivesse sempre firme na fé de Jesus Cristo, dizendo:

«Não há outro rei senão Jesus Cristo; ainda que me matásseis mil vezes por ele, não poderíeis arrancá-lo de minha boca nem de meu coração», obteve a palma do martírio pela degola.

Em Talco, na Espanha, São Jerônimo, bispo, o qual, pregando o Evangelho naquela província no tempo dos apóstolos, morreu no cárcere depois de muitíssimos trabalhos.

Em Arles, na França, São Genésio, que, tendo o ofício de escrivão e não querendo registrar os editos ímpios que ordenavam castigar os cristãos, chegou a arrojar publicamente os registros, confessando-se ao mesmo tempo cristão; foi preso e decapitado, recebendo a honra do martírio, batizado em seu próprio sangue.

Na Síria, São Juliano, mártir.

Em Tarragona, São Magino, mártir.

Em Constantinopla, São Meno, bispo.

Em Utrecht, São Gregório, bispo.

Em Nápoles, Santa Patrícia, virgem.

Em Agde, na França, São Severo, abade.

Em Limoges, São Yriez, abade.

Em Apt, São Marciano, abade.

Em Bourdieu, no Berry, São Romaço, confessor. Em Périgord, São Rabier, confessor.

Em Lecce, no território de Otranto, São Orônzio, bispo e mártir.

Em Roma, o martírio de São Nemésio, diácono, e de sua filha Santa Lucila.

Neste mesmo dia, o natalício de São Félix de Pistoia, presbítero.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Ludovicum, confessorem tuum, de terreno regno ad cœlestis regni gloriam transtulisti: ejus, quæsumus, meritis et intercessione, regis regum Jesu Christi filii tui facias nos esse consortes. Per Dominum.*

Português: Ó Deus, que trasladastes vosso confessor São Luís do reino da terra à glória do reino celeste, concedei-nos que, por sua intercessão e por seus méritos, tenhamos parte no reino do rei dos reis, Jesus Cristo, vosso único Filho. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 do livro da Sabedoria, e a mesma do dia IX, pág. 180.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** 10 Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. 11 In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. 12 Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. 13 Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, 14 et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: 10 Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. 11 No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. 12 Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. 13 Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, 14 e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Nota

«Entre todos os livros sapienciais, cujo autor se reconhece ser Salomão, o livro de onde se tirou esta epístola é o que por excelência se chama da Sabedoria. O fim principal que se propõe seu autor é a instrução dos reis e dos grandes, dirigindo a eles principalmente suas admiráveis máximas.»

Reflexões

Conduziu o Senhor o justo por caminhos retos. Em nenhuma coisa resplandece mais a divina Providência que na economia que observa com os justos e os santos. Se só se dá ouvidos à prudência humana; se as coisas se olham somente com os olhos da carne; e se unicamente se consultam as luzes de nossa escassa razão, parece que Deus se esquece dos bons e que reserva todas as prosperidades para os pecadores. Quantos homens virtuosos passam toda a vida entre adversidades e trabalhos! Nada lhes sai bem; tudo conspira a humilhá-los; parece que sua mesma retidão, a pureza de seus costumes, aquela inviolável boa-fé, sua constante virtude lhes traz a casa todas as desgraças, ao mesmo tempo que para os ímpios e para os desalmados tudo são venturas e prosperidades. Crescem como as árvores mais altas. «Vi o ímpio, diz Davi, em sua maior elevação; vi-o sobressair como os cedros do Líbano; passei, voltei, e já havia desaparecido»: *Et ecce non erat*; nem sequer pude encontrar o lugar onde o tinha visto elevado: *Et non est inventus locus ejus.* Essas contínuas prosperidades neste mundo, de ordinário, são presságio certo das maiores desgraças. Um inverno sereno e apacível sempre causa enfermidades. Deus é quem guia o justo; pois que poderá temer logrando tal condutor? Viva seguro de que sempre irá por caminho reto. Os intentos de Deus são muito diferentes dos nossos. Quem não se teria lastimado da triste aventura que sucedeu ao patriarca José? Sua desgraçada sorte parecia dignísima de compaixão. É vendido aos ismaelitas um terno e inocente menino; todo o seu delito foi sua mesma inocência, seu candor e sua virtude; encerram-no numa escura prisão precisamente porque não quis ser mau; com tudo isso, seu cativeiro e sua prisão foram os degraus por onde ascendeu quase até igualar-se ao trono. Dize-me, prudência humana: terias tomado tu esse caminho para fazer a fortuna de José e para colocá-lo no primeiro cargo de todo o Egito? Parecer-te-ia esse caminho muito reto? Entretanto, foi o único e o mais breve que pôde tomar para ser feliz e para ser grande. Quantos e quantas censurariam as empresas de São Luís! Seguramente não se acomodavam nem ao gosto nem aos discursos da política; e, por outra parte, os desgraçados sucessos, tanto do Levante como da África, pareciam autorizar a murmuração dos cortesãos. Quantos grandes censurariam suas devoções, e seguramente não iriam pelo mesmo caminho se tivessem nascido no trono como ele! Com tudo isso, que grande do mundo, que príncipe nem que monarca mereceu maiores elogios? Que rei nem que imperador não quereria ter a mesma sorte?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Lucas.

Lucas 19,12-26

> **Latim:** [12] Dixit ergo : Homo quidam nobilis abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum, et reverti. [13] Vocatis autem decem servis suis, dedit eis

> decem mnas, et ait ad illos : Negotiamini dum venio. [14] Cives autem ejus oderant eum : et miserunt legationem post illum, dicentes : Nolumus hunc regnare super nos. [15] Et factum est ut rediret accepto regno : et jussit vocari servos, quibus dedit pecuniam, ut sciret quantum quisque negotiatus esset. [16] Venit autem primus dicens : Domine, mna tua decem mnas acquisivit. [17] Et ait illi : Euge bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates. [18] Et alter venit, dicens : Domine, mna tua fecit quinque mnas. [19] Et huic ait : Et tu esto super quinque civitates. [20] Et alter venit, dicens : Domine, ecce mna tua, quam habui repositam in sudario : [21] timui enim te, quia homo austerus es : tollis quod non posuisti, et metis quod non seminasti. [22] Dicit ei : De ore tuo te judico, serve nequam. Sciebas quod ego homo austerus sum, tollens quod non posui, et metens quod non seminavi : [23] et quare non dedisti pecuniam meam ad mensam, ut ego veniens cum usuris utique exegissem illam ? [24] Et astantibus dixit : Auferte ab illo mnam, et date illi qui decem mnas habet. [25] Et dixerunt ei : Domine, habet decem mnas. [26] Dico autem vobis, quia omni habenti dabitur, et abundabit : ab eo autem qui non habet, et quod habet auferetur ab eo.

Português: [12] Disse pois: Hum homem de grande nascimento foi para hum paiz muito distante a tomar posse d'hum reino, para depois voltar. [13] E chamando dez servos seus, deo-lhes dez marcos de prata, e disse lhes: Negociai até eu vir. [14] Mas os do seu paiz o aborrecião: e enviárão nas suas costas deputados, que fizessem este protesto: Não queremos que este seja nosso rei. [15] E com effeito voltou elle com a posse do reino tomada: e mandou chamar aquellos servos, a quem dera o seu dinheiro, a fim de saber quanto cada hum tinha negociado. [16] Veio pois o primeiro dizendo: Senhor, o teu marco adquirio dez. [17] E o senhor lhe respondeo: Está bem, servo bom, porque foste fiel no pouco, serás governador de dez cidades. [18] Veio depois o segundo dizendo: Senhor, o teu marco rendeo cinco. [19] E o senhor lhe respondeo: Se tu tambem governador de cinco ci dades. [20] Veio tambem o terceiro dizendo: Senhor, aqui tens o teu marco, que eu guardei embrulhado num lenço: [21] porque tive medo de ti, que és hum homem rigido: que tiras donde não pozeste, e que recolhes o que não semeaste. [22] Disse-lhe o senhor: Servo mão, pela tua mesma boca te condemno eu: tu sabias que eu era hum hom men rigido, que tiro donde não puz, e que recolho o que não semeei: [23] logo porque não metteste tu o meu dinheiro a banco, para que quando viesse, o recebesse eu então com os seus lucros? [24] E disse aos que estavão presen tes: Tirai-lhe o marco de prata, e dai-o ao que tem dez. [25] E elles lhe responderão: Senhor, este já tem dez. [26] Pois eu vos digo, que a todo aquelle que tiver se lhe dará, e terá mais: mas ao que não tem, se lhe tirará ainda isso mesmo que tem.

Meditação

Da verdadeira generosidade com Deus

Primeiro ponto

Considera que a verdadeira generosidade com Deus consiste em não lhe negar coisa alguma. Poder-se-lhe-á alguma vez dar muito, ainda que se lhe dê tudo? E poderá pedir-nos demais, ainda que nos peça tudo o que temos e tudo o que somos, aquele Senhor de quem recebemos tudo o que somos e tudo o que temos? Há alguém no céu ou na terra que possa entrar em concorrência com Deus? E este Deus poderá contentar-se com partilhas nem com metades? A teu coração apoucado parece muito quando dá a Deus alguma coisa; mas um coração generoso, faça o que fizer por Deus, tudo lhe parece pouco; e parece-lhe bem. Em relação a Deus, toda reserva é como uma espécie de furto. A verdadeira generosidade pede que nada se lhe negue; isto é, que se lhe seja fiel em todos os tempos e em todas as coisas. Este é o ponto mais importante da vida espiritual, praticando-o bem, sem pôr limites, sem afrouxar nunca, sem sofrer interrupção nem vazio nos exercícios de virtude e nos progressos da graça. Aquele é verdadeiramente generoso que, sem restrição e sem levantar a mão, faz tudo o que de bom pode e o melhor que lhe é possível. Mas o que concede a seu coração a mais mínima exceção no serviço de Deus, esse já decai daquela nobre generosidade. Bom Deus, e quantos covardes há entre os que se dedicam a vosso serviço! Quantos preguiçosos se encontram entre eles! Contentam-se com não fazer coisa má; mas fazem todas as coisas boas que deveriam? Cotejemos nossa fidelidade, nosso fervor e nossa generosidade com a daqueles generosos servos de Deus que tanto arrebatam nossa admiração. Estes são nossos modelos; parecemo-nos muito com eles? Volta a reflexão para a vida cristã e para as heroicas virtudes de São Luís: que humildade na elevação do trono! Que piedade em todos os exercícios de religião! Que caridade com os pobres! Que afabilidade com seus criados! Que mortificação entre a púrpura e entre as delícias da corte! Que generosidade com Deus por todo o tempo de sua vida! Nós professamos a mesma religião, temos as mesmas leis, servimos ao mesmo dono; mas servimo-lo com a mesma fidelidade?

Segundo ponto

Considera que poucas almas há verdadeiramente generosas para com Deus, ainda entre aquelas mesmas que fazem profissão de estar dedicadas a seu serviço. Quantas partilhas fazem de seu coração e de seus afetos! Amam a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças? Este é, não obstante, o primeiro mandamento, a base e o alicerce de todas as virtudes cristãs. Mas quantas reservas há em todos os sacrifícios que se lhe fazem! O amor-próprio sempre se levanta com a melhor porção e, por assim dizer, com toda a substância. Bastardeia hoje a virtude das pessoas mais ajustadas. São poucos os que andam sem parar; poucos os que põem a mão no arado sem olhar para trás. Acham-se porventura em nossos tempos muitas daquelas almas generosas que não desistam ou, ao menos, que não se detenham ao sair-lhes ao encontro as menores dificuldades? Acham-se muitas daquelas almas puras que em todas as obras só busquem pura e precisamente a maior glória de Deus? Que não tenham outro fim nos sagrados ministérios de seu zelo? Atende-se unicamente à voz de Deus em nossas empresas, em nossos projetos e em nossas ideias? É possível que nelas nunca se dê ouvidos às vozes da carne e do sangue? Extinguiram-se as paixões nesses corações que se dizem cristãos? Estão ao menos domadas, humilhadas, abatidas nessa alma que faz profissão de virtuosa? Consultemos essa tibieza e esse

covarde temor que reina até entre nossos fervores; consultemos esses pusilânimes respeitos humanos que nos fazem tão tímidos nas ocasiões de declarar-nos por Deus; consultemos essa eterna aplicação a nossas comodidades, essa delicadeza que chega a ser melindre e nimiedade, essas amizades, esses apegos, essas inclinações tanto mais perigosas na vida espiritual quanto parecem menos grosseiras; consultemos enfim essas obrigações e essas minudências de nosso estado em que tanto nos descuidamos ou as cumprimos tão imperfeita e tibiamente; e concluamos de todas estas imperfeições e de todos estes defeitos que verdadeiramente somos uns covardes.

Mas será possível, Senhor, que todo este conhecimento e toda esta triste confissão se haja de reduzir a um inútil e estéril arrependimento? Não, divino Mestre meu: já não mais infidelidade em vosso serviço. Desde este mesmo ponto quero começar a amar-vos com ternura e a servir-vos com generosidade. Toda a minha confiança a coloco em vossa infinita misericórdia. Dai-me graça para que generosamente vos sirva.

Jaculatórias

> *Diligam te, Domine, fortitudo mea.* Sl 17.

Amar-vos-ei, Senhor, espírito e fortaleza minha.

> *Quis nos separabit a charitate Christi?* Rm 8.

Quem será capaz de apartar-me do amor de meu Senhor Jesus Cristo?

Propósitos

1. Assombro é que se sirva a Deus com negligência, sobretudo se se considera que é Deus o Senhor a quem se serve. Se queres servi-lo com generosidade, procura estar continuamente em sua presença, já não te fazendo violentos esforços ou estando numa ansiosa inquietação para consegui-lo, mas por meio de uma doce, amorosa e sossegada atenção. Há algumas almas que se contentam com recolher-se três ou quatro vezes ao dia e, quanto ao mais, deixam vaguear livremente o espírito, guardando-se somente de cometer alguma culpa. Estas pessoas não são absolutamente más, mas perdem imensos tesouros de graça; e, como são pouco liberais com Deus, ficam assim, andam toda a vida arrastando-se e nunca chegam à perfeição. Se queres conservar esta doce presença de Deus, desterra de ti toda ação de leviandade, toda vã curiosidade e toda conversação inútil. A inteira abnegação de si mesmo e o total desprendimento das criaturas é o caminho para lograr uma contínua memória de Deus.

2. O exercício desta mesma abnegação é também um soberano meio para conseguir aquela nobre generosidade de coração de que vamos falando. Há muitas almas que se mortificam algumas vezes; mas as almas generosas sempre e em tudo se mortificam. A perseverança neste exercício é um dos pontos que mais contribuem para aproveitar muito na vida espiritual. A um coração generoso jamais se oferece ocasião de mortificar-se que não a abrace; como aqueles hábeis comerciantes que nunca malogram ocasião de adiantar o negócio. Se desejas ter esta generosidade com Deus, desprende-te inteiramente das criaturas. Uma alma generosa rompe com valor todas as prisões para pôr-se em liberdade; a covarde e a pusilânime geme sempre debaixo da cadeia, sujeita à escravidão de suas desordenadas paixões. Põe em execução estes salutares conselhos; pois não se conhece o que vale esta generosidade senão quando se tem a dita de lográ-la.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:49 by Admin